

O Artigo Ilustrado: a ilustração editorial nas aulas de Desenho do 10º ano

*The Illustrated Article: Editorial illustration
in 10th grade Drawing Class*

MARIANA PERRY DA CÂMARA VIEIRA*
& CRISTINA LUÍSA MIRANDA RITO**

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio 2016.

*Macau (China), ilustradora. Licenciatura em Design de Comunicação pela Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL).

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-004 Lisboa, Portugal. E-mail: illustro.perry@yahoo.com

**Portugal, Licenciatura em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura — Universidade Técnica de Lisboa.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, 1649-004 Lisboa, Portugal. E-mail: illustro.perry@yahoo.com

Resumo: Nas aulas de Desenho do 10º ano, surgiu uma oportunidade de transformar um momento linear e repetitivo da aula, o conhecido trabalho de casa, num momento de investigação e diálogo que os alunos aprenderam a fazer com gosto. Estruturando um sistema de entregas repartidas ao longo de uma semana, partimos de um artigo de jornal ou revista contemporâneos para chegar à sua consequente ilustração. O resultado foi inesperadamente inspirador, criando momentos de reflexão ao mesmo tempo que desenvolveu e aplicou as capacidades de representação e comunicação dos alunos através do desenho. **Palavras chave:** desenho / ensino secundário / ilustração editorial / trabalhos de casa.

Abstract: *As teachers of Drawing Class for 10th graders, we had the opportunity to transform a linear and repetitive component, a.k.a. Homework, into moments of investigation and dialogue that the students came to love. We designed a structured week long system which began with the research for contemporary newspaper articles and ended with the student's subsequent illustration. The results were unexpectedly inspired and the exercise developed into moments of reflection on key issues as well as giving the students a practical means to apply their representational capabilities and work on drawing and communication.* **Keywords:** *drawing / high school / editorial illustration / homework.*

Criação de disciplina no desenho com alunos de 15 anos

No decurso das aulas de desenho, uma das maiores dificuldades encontradas tem sido a criação de métodos e disciplina no treino do desenho dentro e fora da sala. O decurso das aulas estrutura-se de forma relativamente orgânica, com dias específicos para actividades práticas e outros com incidência na componente teórica, baseada em livros e no diálogo aberto com os alunos acerca de certas matérias, técnicas ou autores. No entanto, poucos foram os alunos que, por si, demonstraram algum tipo de trabalho voluntário em casa que desenvolvesse técnicas apresentadas e desenvolvidas em aula, ou na exploração do desenho para além dos exercícios perdidos.

Tomando a disciplina do desenho no cômputo do ensino secundário, a profesora instituiu desde o início das aulas um rol de exercícios para serem desenvolvidos em casa, lançados à vez e sempre sob um restrito limite temporal para entrega.

A grande maioria dos exercícios incluem de uma forma bastante explícita o desenvolvimento de uma ou outra técnica de registo (ex: usar tinta-da-china ou lápis-de-cor) e as missões desenvolvem-se em torno de um exercício de observação relativamente circunscrito (ex: o desenho de um objecto do quotidiano, representando as sombras e luzes através de duas cores secundárias).

A maioria dos alunos tem correspondido aos trabalhos de casa, embora se denuncie um ou outro que, por uma ou outra justificação, se recusam a fazê-los.

O exercício que lançámos a poucas semanas do final do segundo período, no entanto, trouxe um renovado sentido de participação e conseguiu motivar pelo menos um dos alunos menos voluntariosos a participar também em duas ou três ocasiões.

1. O Trabalho Para Casa — a rotina usual

Num dia de aula normal, o trabalho de casa é lançado na primeira aula de desenho da semana, sendo dados os dias seguintes para o desenvolvimento da resposta e a entrega final agendada para a semana seguinte, antes da apresentação do exercício seguinte.

A maioria dos alunos não apresentava qualquer indício de desenvolvimento do trabalho de casa no decorrer da semana, o que nos levou a imaginar que todos na verdade o fizessem durante o fim de semana para entrega na segunda-feira.

Embora as entregas ocorressem na maioria das vezes dentro do tempo estipulado, ou dentro de pequenas expansões desse prazo, os trabalhos em si não geravam grande diálogo no decurso das aulas, nem os alunos apresentavam dúvidas acerca da sua execução. Isto é, até ao próprio dia da entrega, onde surgiam erros de interpretação, ou a vocalização das dúvidas latentes.

O intercâmbio de informação estava assim algo quebrado e dissociado do período lectivo. A oportunidade para desenvolver em maior profundidade o raciocínio por detrás dos desafios técnicos ou de comunicação manteve-se algo diluída e sem grande consequência para o enriquecimento dos trabalhos em aula.

1.1. Método de avaliação de um T.P.C.

Os trabalhos de casa são avaliados segundo uma escala binária. Ora o aluno *fez* o trabalho de casa, ora *não fez*. Numa anotação à parte podem surgir uns *mais* ou *mais mais* como lembrete para a professora do processo de evolução do aluno em questão, que trará alguma luz ao seu progresso nos exercícios em sala.

O objectivo desta avaliação normativa é o de complementação da avaliação sumativa dos exercícios da aula, valorizando a nota de um aluno em caso de dúvida do seu progresso ou participação.

Para efeitos do novo desafio, não alterámos este sistema por ser um já instituído nos processos avaliativos da professora cooperante e nos encontrarmos já a meio do segundo período. No entanto, o que os momentos de avaliação do novo T.P.C. nos trouxe foi uma aproximação qualitativa e pessoal dos processos dos alunos, que ultrapassou quaisquer esperanças de uma mera melhoria quantitativa à disciplina.

2. A turma

A turma em questão merece ser descrita mais pela sua particularidade que pelas características que a tornam generalizável. Não podemos supor que as suas particularidades tenham contribuído em grande efeito para o progresso do exercício. No entanto, seria negligente da nossa parte não as mencionar numa comunicação que procura a menção de actividades de aula que conseguem albergar e motivar uma maior variedade de alunos que a esperada turma de 30 de origem nacional e cuja primeira opção foi o agrupamento em que se encontram.

Sem recorrer a nomes, podemos dizer que a turma de 12 alunos assistiu à passagem de uma meia dúzia de alunos que, ora iniciaram o seu percurso para depois se despedirem dela (por desistência ou transferência), ora surgiram a meio do ano para se integrar no agrupamento por opção ou última oportunidade. O grupo inclui alunos que, não tendo definido o seu percurso no final do 9ºano, por alguma razão foram parar ao agrupamento de artes sem por isso se identificar com as disciplinas ou exercícios propostos.

Inclui também dois alunos de intercâmbio europeu, de língua materna germânica, que trouxe, por um lado, um embate linguístico mencionável (implica a tradução constante de matéria e exemplos descritos no manual para inglês, a

língua de mediação), por outro, uma constante comparação entre nações suscitado pelo currículo e métodos de trabalho apresentados em aula. Estes momentos têm dado azo a momentos de grande diversão entre alunos e professoras, mas também a uma equiparação de metodologias que tem vindo a enriquecer a imaginação curricular da disciplina que só não tem visto grandes alterações por um compromisso de lealdade ao currículo nacional.

Todas estas questões tiveram o seu peso na reestruturação do exercício do T.P.C., que teria de ter em conta: alunos com grandes dificuldades no cumprimento de prazos, habituados a relaxá-los; uma atenção especial para com o salto linguístico, nomeadamente na seleção de fontes e igualdade de acessibilidade ao material em casa; uso de materiais de registo com que estivessem familiarizados da aula; pequeno porte; uma componente de instigação à reflexão que fosse dinâmica o suficiente para evitar a saturação ou o bloqueio na participação.

A solução que encontramos, e que ia de certa forma ao encontro do planeamento inicial da professora cooperante, foi criar uma série de desafios encadeados em regime semanal, que se baseassem na ilustração editorial, permitindo que as questões técnicas tomassem um plano de fundo não menos avaliável.

3. O propósito da ilustração editorial

Desde o início, e à semelhança de outros professores na mesma escola que propuseram a ilustração como exercício de desenho, ficou acordado que o propósito de uma ilustração, ao nível do ensino secundário, se devia restringir à comunicação pelo desenho de uma opinião de um outro autor expressa textualmente.

Esta definição, embora não correspondesse à opinião de ilustradores profissionais, ajudou a delimitar o exercício a uma reflexão sobre os artigos, querendo evitar ao mesmo tempo a distensão de sentido ou elação sobre os assuntos por parte dos alunos. Isto porque, para além de implicar um menor dispêndio de tempo sobre o artigo (do que, por exemplo, a construção de uma opinião informada sobre o tema desse artigo), circunscrevia o exercício aos processos de comunicação através do desenho e às técnicas de registo como forma de expressão.

3.1 o exercício costumeiro (e porque talvez não funcionasse)

A proposta inicial da professora cooperante, que a usara em anos anteriores sem grande sucesso, consistia na recriação de um conto tradicional através da ilustração dos seus momentos-chave.

A ansiedade em torno desta proposta residia no conhecimento dos métodos de trabalho dos alunos da turma, um testemunho de que talvez não fossem

auto-motivados o suficiente para continuar a trabalhar num mesmo assunto semana a fio. Víamos o seu empenho nas aulas a definir naturalmente no decurso dos exercícios mais longos e sabíamos como tínhamos constantemente de alimentar o seu empenho para que os concluíssem.

O próprio tema dos contos tradicionais ou das fábulas, embora de conhecimento geral (os portugueses) e de fácil procura e pesquisa em casa, implicava a releitura de textos relativamente longos. Não conhecíamos os hábitos de leitura daquele grupo e o processo de desconstrução desses textos, embora de grande interesse a nível formal e interpretativo, trazia mais um momento de pouca aplicação à disciplina de desenho. Prevíamos também a possibilidade de os alunos de intercâmbio surgirem com títulos que desconhecêssemos e por isso dificultassem o acompanhamento do seu trabalho.

4. A nova proposta

Surgiu então a sugestão de trabalhar sobre textos mais curtos, de interesse e acessibilidade geral: o artigo de jornal contemporâneo. Com essa ideia em mente, montámos um esquema de trabalho semelhante ao profissional. Pegando na experiência de uma das partes enquanto ilustradora com trabalho colaborativo com jornais em tempos passados, pudemos recriar os processos de desenvolvimento de uma ilustração para fins editoriais destinado àquela turma.

Para desdobrar o leque de fontes fidedignas de notícias e artigos, limitámos as fontes a três jornais nacionais de edição online (muitos alunos admitiram não ler as versões em papel, mas ter acesso incondicional à internet). Estipulámos o *Público*, o *Expresso* e o *Observador* como fontes privilegiadas. A excepção seria dada aos alunos que encontrassem outras fontes igualmente fidedignas da sua preferência, nomeadamente aos alunos de intercâmbio, que teriam acesso a periódicos em língua inglesa, ou com tradução disponível.

Porque víamos uma grande estagnação de temas (aliás natural nestas idades, e delimitado quase exclusivamente ao círculo de interesses pessoais), determinámos que cada aluno deveria partir de um género noticioso diferente a cada semana. Não seriam admitidas repetições de semana a semana, e um aluno que escolhesse desporto numa das vezes, teria de recorrer às páginas de interesse social, científico, tecnológico ou político na vez seguinte. Esta quebra nos interesses pessoais deu azo às descobertas e discussões mais interessantes nas aulas seguintes.

O tempo de resolução dos exercícios foi mantido com algum rigor. O aluno que se esquecesse de trazer a ilustração num dia poderia trazê-lo no dia seguinte, não podendo no entanto falhar a entrega do artigo seguinte nessa semana

sob o ónus de levar um *não fez* na ficha de avaliação. Na realidade, sentimos da parte dos alunos uma energia renovada na procura e debate dos temas de semana a semana, que só minguava em alturas de trabalho redobrado a outras disciplinas ou épocas mais saturadas com testes.

4.1 o que esperávamos conseguir

Para além do treino continuado das técnicas de registo e exploração de materiais já usado em aula, podemos dizer que o desbloqueamento do desenho era o nosso maior objectivo. A participação voluntária e o interesse pelo desenho, continuado ou acrescido, dos alunos seria o bônus que esperávamos conseguir que transbordasse para o trabalho de aula e como parte integrante daqueles estudantes de artes.

Muito à semelhança das três actividades inclusas no ensino da arte, segundo Herbert Read (1974), o nosso propósito incluía um laivo de cada actividade, quer fosse disponibilizar um canal para auto-expressão, proporcionar um exercício de observação e um derradeiro momento de apreciação. Este último recaindo no diálogo entre professor e aluno sobre o tema, concretização e desconstrução dos processos de criação inerentes a cada ilustração.

Naturalmente que nem todos os alunos conseguiram encadear o trabalho de forma interessante. Quer por uma questão de imaturidade representativa ou confusão sobre o tema abordado, houve situações em que as ilustrações em si ficaram aquém do que o aluno gostaria de ter conseguido e alunos que escaparam ao tema original do artigo. Essas questões só perdem o seu dramatismo quando tomamos em conta que o processo em si surge com a relevância equiparada à concretização da ilustração, quando enquadrado num quadro superior de desenvolvimento pessoal do aluno.

Trabalhando com adolescentes, o desmascarar das estruturas e formas de comunicação social ganha uma certa relevância sobre a “preservação da intensidade original das reacções da criança à qualidade sensorial de uma experiência” (Read, 1974:208).

Precisámos captar-lhes a atenção e focar a energia do trabalho sobre temas que lhes interessassem e mantivessem esse interesse cativo pela duração do exercício para que ganhem gosto pela concretização e finalização e não se perderem em desmotivações à priori. A rapidez e fluidez no trabalho, ditado pelos prazos curtos e intensivos, foi outra componente de interesse tanto para este projecto como para a disciplina e que os alunos, melhor ou pior, conseguiram assimilar.

Conseguir a resposta de alunos que normalmente não se candidatariam a

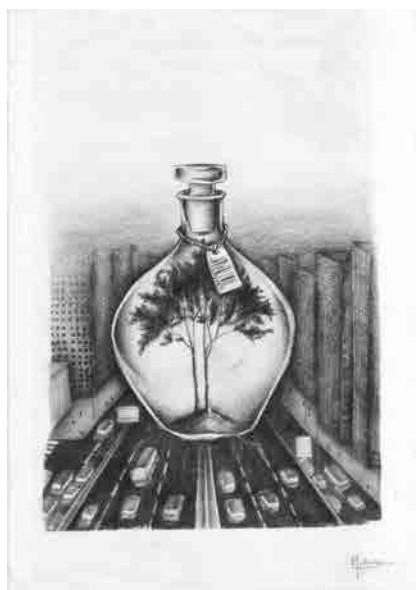


Figura 1 · Ilustração da aluna sobre o tema “Água envasada”, Abril de 2016. Fonte: própria.

Figura 2 · Ilustração da aluna sobre o tema “The beauty of human skin in every color” em que representa os colegas tanto pelas feições, como pelo “pantone” de pele do nariz, Abril de 2016. Fonte: própria.

trabalho acrescido seria a derradeira conquista, que conseguimos atingir em parte pela motivação de um aluno cuja participação se tem mostrado desfalcada.

4.2 o que surgiu de inesperado

Talvez não tenhamos conseguido a participação eufórica que desejássemos para alunos no início de uma carreira nas artes que eles próprios haviam escolhido. Alguns houve que, demonstrando interesse no início, não tivessem entregue trabalho algum até ao final do projecto. No decurso do projecto houve mesmo um aluno que desistiu de estar presente na disciplina.

Mas, no meio de tanta esperança ou intenção melhor ou pior concretizada, podemos dar o projecto como bem-sucedido visto que, na última semana programada do projecto, os alunos tivessem vindo ter connosco para pedir mais uma semana de trabalho de casa dedicado à ilustração editorial.

Trazemos para exemplificar o trabalho que foi entregue uma seleção de imagens, valorizada em parte pela sua visibilidade na impressão, mas também pela fácil identificação dos temas. Podemos tomar de ponta a Figura 1, representando "ar engarrado", de identificação imediata tanto do tema como da polémica actual de poluição na capital chinesa. Observando a Figura 4, pintada sobre papel de alta gramagem e texturado, temos a "estrela misteriosa" encoberta por um possível buraco negro, e que transmite a profundidade do espaço sideral da forma que o artigo a tenta descrever. Já a Figura 7 prima pelo detalhe e pormenor dos elementos secundários, que na verdade sugerem um jogo de adivinhas para percebermos a personalidade escondida por detrás de cada vulto.

O trabalho que os alunos entregaram a cada semana surgiu de qualidade e interesse mistos. São exemplos de execução as Figura 2 e Figura 9, sobre as quais se fecharam os olhos à similitude com as referências apresentadas pela aluna para relevar a qualidade do traçado. Já a Figura 3, Figura 8 e Figura 10 são exemplos de uma maior imediatez na execução sem por isso perderem valor comunicativo pela escolha dos elementos representados.

Os temas que os alunos escolheram foram a verdadeira surpresa, pois a partir de temas relativamente complexos, de cariz científico ou político, os alunos revelaram grande desenvoltura na comunicação do teor dos artigos. Alguns exemplos de tentativas de racionalização da informação que resultaram em aproximações à infografia interessantes, que podem ser observadas na Figura 5 e Figura 6.

4.3 alterações ao projeto inicial

Na última semana de trabalho, e tendo os alunos pedido a prorrogação do projecto por mais uma semana, decidimos dar uma novidade às fontes a ilustrar.

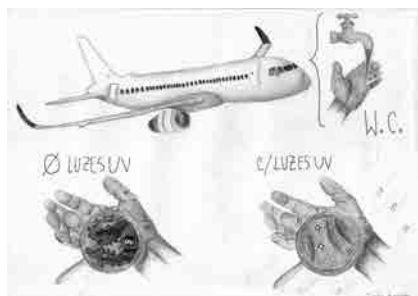
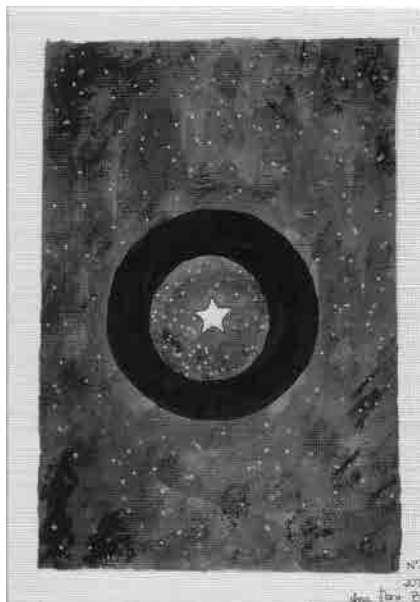


Figura 3 · Ilustração da aluna sobre o tema “Tabú”, Abril de 2016. Fonte: própria.

Figura 4 · Ilustração da aluna sobre o tema “A estrela misteriosa” baseado num artigo de fóro científico, Abril de 2016. Fonte: própria.

Figura 5 · Ilustração da aluna sobre o tema “tecnologias de higiene a bordo dos aviões”, uma aproximação à infografia, Abril de 2016. Fonte: própria.

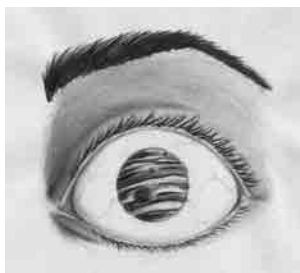


Figura 6 · Ilustração da aluna sobre o tema “disparidade de remuneração no desporto”, uma aproximação à infografia, Abril de 2016. Fonte: própria.

Figura 7 · Ilustração da aluna sobre o tema “A principal tarefa do palestrante”, Abril de 2016. Fonte: própria.

Figura 8 · Ilustração do aluno sobre o tema “Terrorismo”, Abril de 2016. Fonte: própria.

Figura 9 · Ilustração da aluna sobre o tema “A banana que mudou a face do Rock”, Abril de 2016. Fonte: própria.

Figura 10 · Ilustração da aluna sobre o tema “Visão de Júpiter”, Abril de 2016. Fonte: própria.

Como derradeiro exercício, todos os alunos deveriam encaminhar o seu olhar para um único *site online* de comunicação de temas fidedignos da actualidade: *www.ted.com*.

O facto de nenhum conhecer o site trouxe a necessidade redobrada de o apresentar e estimular a pesquisa de temas de interesse pessoal no meandro das palestras de tema social, científico, político, musical, tecnológico, etc. que o site dispõe à data.

A semana seguinte trouxe a revelação do interesse por parte dos alunos. Todos assumiram ter visto mais de três palestras enquanto procuravam uma para ilustrar. A conversa de aula nesse dia foi particularmente estimulante, a partilha de opiniões e conhecimentos recentemente adquiridos redobrou a confiança que tínhamos neste projecto. No fundo conseguimos ultrapassar as metas de desenho e enquadrar o sentido de intervenção, ou diálogo, social.

Conclusão

Em retrospectiva, e poisando o olhar sobre o trabalho que os alunos desenvolveram ao longo das sete semanas do projecto de ilustração editorial, as mais notáveis revelações recaíram sobre dois aspectos fulcrais: o desenvolvimento da ilustração sob fortes limitações temporais e materiais, que trouxe alguma entusiasmo e desenvoltura técnica e representativa, e um novo fôlego ao trabalho de aula; a descoberta de novos temas, interesses e a consequente abertura de diálogo entre alunos e professoras, que trouxe ao de cima tanto a dificuldade como a necessidade de comunicar graficamente.

Os alunos perguntam agora que novos trabalhos de casa temos planeados para eles com um novo fulgor no olhar... ao que não deixamos de poder sorrir.

Referências

Read, Herbert (1974) "The Natural Form of Education" In *Education Through Art*, Nova Iorque, Pantheon Books. ISBN: 0-394-70640-4 pbk